



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**AVANTE, SOLDADOS: PARA TRÁS. O AVESSE DA RETIRADA. O
MONUMENTO AOS HERÓIS DE LAGUNA E DOURADOS E O
TEXTO DE DEONÍSIO DA SILVA**

Marcelo Gonçalves Ramos

No prefácio do livro *Avante, Soldados: Para Trás*, de Deonísio da Silva, Flavio Loureiro Chaves esclarece que o mesmo não se trata de um texto historiográfico ou com pretensões de ser. É definitivamente um romance. Um romance histórico, mas ainda assim uma ficção, cuja função não é a de reproduzir a história oficial, mas de contradizê-la.

O livro é uma narrativa histórica sobre diversos acontecimentos da Retirada da Laguna. Neste evento da Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai, travada entre 1864 e 1870, o exército brasileiro foi obrigado a se retirar do território paraguaio de maneira dramática. Durante a marcha regressa o contingente brasileiro sofreu muitas baixas, devido ao exército inimigo, à fome e à cólera.

Deonísio da Silva procura narrar os aspectos menos conhecidos do evento e para isso usa o famoso texto de Visconde de Taunay como comparativo: *A Retirada da Laguna – Episódio da Guerra do Paraguai*. Esse sim tido como um texto historiográfico pelo narrador, mas que nem por isso detentor de maior credibilidade histórica. Aliás, o visconde é um importante personagem do romance de Deonísio, tratado quase sempre como “Francês”, pois ainda não detinha o referido título de nobreza, concedido por Dom Pedro II em 1889.

O próprio autor faz questão de deixar bem claro suas intenções, mesmo que por meio das palavras do narrador. Deonísio faz algumas críticas ao texto de Taunay, direta ou indiretamente. *“Eis aí mais um engano dos que escrevem, não um romance, mas outros livros, tidos como mais exatos no relato de eventos tão graves.”* (p. 214).

Ao subverter os textos tidos como mais “exatos” Deonísio também relativiza a própria história ou memória oficiais. Quase sempre de maneira sutil, o autor reforça sua opinião: *“A verdade é bem diferente daquilo que nos ensinam. É também diferente daquilo que a gente aprende.”* (p. 93).

O prefaciador é mais rigoroso: “esta interseção entre a história e a literatura tem uma importância decisiva no contexto do subdesenvolvimento cultural, principalmente se consideramos que a história oficial dos países latino-americanos constitui, com raríssimas exceções, uma fraude.” (p. V).

Para Chaves a literatura da América Latina tem por característica esta inserção da matéria factual e histórica em seus textos. E esta característica seria a verdadeira reveladora da realidade desses países, ao invés dos documentos históricos que seriam maliciosamente distorcidos.

O narrador está a perguntar: *“Não sou a continuação plebeia do visconde de Taunay, a quem tantas vezes admirei?”* (p. 219).

Tentaremos refletir sobre esta questão através da análise dos ícones que compõem o monumento em homenagem ao episódio que se encontra no Bairro da Urca no Rio de Janeiro, identificando-os no texto de Deonísio e analisando a importância dada pelo autor aos mesmos.

O MONUMENTO AOS HERÓIS DE LAGUNA E DOURADOS

Situado no Bairro da Urca no Rio de Janeiro, o monumento é uma homenagem aos soldados mortos nas batalhas da Retirada da Laguna e de Dourados, eventos da Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870.

Tendo como autor Antônio Pinto de Matos, esculpido em granito com esculturas em bronze, o monumento foi o resultado de um concurso promovido pelo Exército em 1920. Sua inauguração, entretanto, ocorreu apenas em novembro de 1935, no governo de

Getúlio Vargas. Possui 15 metros de altura e 53 metros de circunferência e tem como ícones representações do episódio militar conhecido como Retirada da Laguna.

O referido episódio teve início com a decisão de expulsar os paraguaios que haviam invadido a então Província de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Assim, uma coluna com aproximadamente 3.000 homens partiu do Rio de Janeiro para o Mato Grosso com a finalidade de expulsar os invasores.

Percorridos mais de 2.000 quilômetros a coluna decide adentrar o território paraguaio a partir de Laguna. A iniciativa não foi bem sucedida, obrigando os soldados a recuarem. Foi durante essa retirada que ocorreram os episódios mais dramáticos e fatais do evento. Acometidos por doenças, fome e pelas armas do inimigo, cerca de apenas 700 homens retornaram da empreitada.

Podemos identificar no monumento alguns desses episódios, além de ícones simbólicos. Como destaque temos as figuras de três grandes heróis do evento em forma de estátuas de bronze: o Coronel Camisão, o Tenente Antônio João e o Guia Lopes.

Destacam-se ainda três painéis que representam passagens da saga dos soldados: o Salvamento dos Canhões, o Transporte dos Coléricos e a Marcha Forçada.

No alto do monumento uma torre de granito serve como base para mais três esculturas icônicas em bronze, representando a Pátria, a Espada e a História. No topo da torre uma figura feminina alada representa a Glória.

O monumento na verdade é um mausoléu, pois em seu interior, no subsolo, encontram-se as cinzas de vários heróis do evento, como os três personagens representados no monumento através de estátuas. Ainda no interior encontramos uma escultura em bronze de um lanceiro em tamanho real, painéis e catacumbas. Na entrada do mausoléu, na porta de bronze, foi esculpida uma escultura de um soldado da infantaria.

Localizado no centro da Praça General Tibúrcio, na Praia Vermelha, no Bairro da Urca, rodeado por instituições militares, o monumento é um dos mais imponentes da cidade do Rio de Janeiro.

O MONUMENTO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Devido a sua materialidade, funcionalidade e simbolismo, podemos conceber esse monumento como um *lugar de memória*, conforme NORA (1993) estabelece.

Os lugares de memória (museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações) nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p. 13).

E como lugar de memória é passível de esquecimento ou transformação, já que a memória não reflete necessariamente a história: “A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”. (NORA, 1993, P. 09).

O Monumento em Homenagem aos Heróis de Laguna e Dourados é um importante ícone histórico para o Exército Brasileiro e suas características arquitetônicas e artísticas podem revelar não somente seu forte componente histórico, mas também as nuances pertencentes a memória coletiva.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 09).

Uma análise do citado monumento sobre este ponto de vista pode desvendar aspectos pouco notados num primeiro olhar e atuaria como uma ponte entre passado e futuro, memória e história, identidade e patrimônio.

Não existem símbolos mais impressionantes da cultura moderna do nacionalismo do que os cenotáfios e túmulos dos soldados desconhecidos. O respeito a cerimônias públicas em que se reverenciam esses monumentos [...] não encontram paralelo no passado. (ANDERSON, 2009, p. 35).

O conjunto dos objetos e locais constitutivos do patrimônio histórico militar serviria como um sistema de comunicação, através do qual a instituição ou categoria, emite e recebe informações sobre seu status e sua posição na sociedade, ao mesmo tempo em que, dada a força dos mesmos, organizam o modo pelo qual a sociedade experimenta subjetivamente sua identidade. (GONÇALVES, 2007, p. 20, 21).

O MONUMENTO E A OBRA DE DEONÍSIO DA SILVA

O texto de Deonísio da Silva, foi escrito em 1992, sob a forma de um romance histórico. Narrado em terceira pessoa, conta as memórias de um soldado durante os anos que passou nas fileiras do Exército Brasileiro combatendo na Guerra do Paraguai, mais especificamente no episódio conhecido como Retirada da Laguna.

Escrito após mais de 120 anos do ocorrido o texto pode ser um importante meio de estudo sobre a formação da memória coletiva, em especial ao compararmos seu conteúdo não com outro texto, mas sim com um monumento que talvez seja o mais emblemático dedicado ao episódio.

O monumento da Praia Vermelha, escolhido através de um concurso, contém símbolos e ícones que foram cuidadosamente pensados para representar a memória oficial do Exército Brasileiro. Ao compararmos o monumento com um texto escrito após mais de um século do evento original estaremos praticando um exercício de identificação e reflexão.

Uma derrota, evidentemente; e das piores que já foram registradas. Entretanto, os historiadores oficiais recobriram o episódio duma aura heroica, num processo de mascaramento ideológico, e acabaram por transformá-lo num ato épico, desses que finalmente se transmitem, pela palavra escrita ou pela tradição oral, de geração em geração, visando ao aprimoramento cívico dos pósteros. (CHAVES, 1992, p. I).

Sendo assim, esta comparação entre o texto de Deonísio e o monumento da retirada pode revelar aspectos da história que se mantiveram presentes na memória sobre o evento e também fazer notar eventuais contradições. A literatura neste caso pode servir como um alibi mas também um como um contraditório.

A revolução da realidade ou a sua impugnação dá-se, então, através da literatura. Por isso, a verdadeira identidade das nações latino-americanas deve mais facilmente ser encontrada nos personagens

fictícios dos narradores do que nos documentos históricos maliciosamente distorcidos. (CHAVES, 1992, p. VI).

O livro *Avantes, Soldados: Para Trás* é um convite para esta viagem de reflexão que tem como ponto de partida o Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados no Rio de Janeiro. Uma viagem pelo avesso da história. Ao contrário. Para trás.

IDENTIFICANDO OS ÍCONES

AS ESTÁTUAS

Coronel Camisão

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 08 de maio de 1821, Carlos de Moraes Camisão morreu em Jardim, Mato Grosso do Sul, em 29 de maio de 1867. Devido sua importância como comandante das tropas brasileiras que invadiram o Paraguai durante a Guerra do Paraguai ele é personagem de relatos de caráter mais historiográficos, como o de Visconde de Taunay, mas também é importante personagem na obra aventurosa de Deonísio da Silva.

Sua carreira militar foi produtiva e de destaque. Comandou diversas comissões de paz e guerra ao longo de sua vida, como a Companhia de Artífices de Pernambuco, a Fortaleza do Brum, Corpo de Artífices da Corte, comandou interinamente o Corpo da Província do Amazonas e as armas da Província do Amazonas, todos em tempos de paz.

Em tempos de guerra, entre outras missões, comandou o 2º Batalhão de Artilharia, na Campanha do Paraguai, época em que foi promovido, por merecimento, ao posto de Coronel. Comandou ainda as Forças Expedicionárias do Sul da Província de Mato Grosso, conduzindo a coluna que se distinguiu na histórica Retirada de Laguna, vindo a falecer em marcha.

Foi condecorado Cavaleiro da Ordem de Cristo, Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Aviz.

Sua figura ficou marcada da História Militar do Brasil e recebeu a devida importância na composição do monumento em homenagem à retirada. Sua estátua em bronze é um ícone de destaque. Com fisionomia assertiva, segura em uma das mãos uma

espada e na outra o que seria um mapa de campanha. Liderança, força e sabedoria são adjetivos facilmente associados à imagem.

Deonísio da Silva não desconstrói o mito, mas o adorna com características mais humanizadas. Medo, dor, angústia e paixão são os elementos explorados pelo autor, que parece insistir na ideia de revelar outros perfis do personagem que torna-se o protagonista do livro.

Deonísio, ao mesmo tempo que reafirma a altivez do coronel, também lhe tira um pouco da glória, ou a deixa em suspeita.

Camisão portou-se bravamente, sempre à frente das tropas, correndo de um lado para o outro, berrando ordens, manejando fuzil, arma branca, pedaço de pau, o que lhe viesse às mãos. Chegou a pular num cavaleiro idoso, pretendendo pegá-lo a unha. Estranhamente arrojado, para além dos limites da prudência, dava a impressão de que queria morrer. Juvêncio espantou-se com a insólita disposição do superior. O cabo Argemiro, não. Sabia que o homem enfrentava um estado extremo.

Camisão trazia para o campo de batalha as frustrações de Corumbá. Quando os paraguaios invadiram a cidade, havendo os brasileiros se retirado, ainda que sob outro comando, correram murmúrios de que ele fora um dos responsáveis pelo recuo que tantos danos trouxe aos aliados. (SILVA, 1992, p. 62).

Ao contrário do ícone de bronze o personagem de Deonísio carrega uma tensão característica da maioria dos seres humanos, heróis ou não. Sua figura reflete seus grandes feitos, mas também seus defeitos ou inseguranças. E é através de um dos sentimentos mais marcantes do ser humano, a paixão, que o autor desnuda de vez a identidade do herói.

Camisão cai de amores por uma inimiga e, ignorando a irresponsabilidade dessa situação, mantém um relacionamento amoroso com Mercedes, uma galopeira paraguaia. Este romance rende passagens líricas e sensuais, desvelando ainda mais o personagem que encarna o herói.

Mas é na hora da morte que o herói perde de vez toda sua pompa, acometido pela cólera, doença que dizimou a companhia, Camisão sente as dores e os efeitos da *espuma que mata*. O herói morre embaixo de uma árvore, sentido o efeito de cólicas, vômitos e diarreia, reações da doença.

...ele que não sabia mais onde arriar os ossos, fugindo das próprias fezes vazando por todo o corpo? Nosso comandante morreu como um herói,

isto é, sem pompa nenhuma. Como se sabe, pompas e circunstâncias ficam paras as comemorações póstumas. (p. 185).

Aqui o autor deixa transparecer o que pretende não é humilhar a memória do personagem, mas sim conceder ao leitor uma nova perspectiva, mais humana e condizente com o que se espera de uma situação semelhante. Ele sabe que para a história oficial esses detalhes não são interessantes. Somente pompa e esplendor a ela interessam: “*a memória precisa reduzir para guardar, do contrário, sendo múltiplo e vago, impede a lembrança*”. (p. 214).

Sendo assim, a estátua de bronze que representa o Coronel Camisão no monumento aos Heróis de Laguna e Dourados também repete essa fórmula, somente características positivas são representadas.

O livro de Deonísio da Silva se apodera da memória oficial para compor seu personagem, suas qualidades são ressaltadas em várias oportunidades, mas o autor também a desafia, ao expor fatos que foram silenciados.

O Camisão do monumento é um herói bravo e viril, o do livro também, mas por vezes é também inseguro, irresponsável e passional. O Camisão do monumento não morreu da doença que faz *o sujeito morrer humilhado, afogado na própria bosta* (p. 165). Não teve sua morte mencionada, como ocorreu por exemplo com a estátua do Tenente Antônio João, que é retratado em sua gloriosa morte.

Mas o Camisão do livro redime tanto o personagem do romance, quanto o herói do monumento: *O profeta também escreveu: entre fezes e urinas nascemos. Por que para morrer haveria de ser diferente?* (p. 165).

Guia Lopes

José Francisco Lopes, nascido em São Roque de Minas em 26 de fevereiro de 1811, veio a falecer no dia 27 de maio de 1867, dois dias antes do falecimento de Carlos de Moraes Camisão.

Também padecido pela cólera, Guia Lopes da Laguna, como ficou conhecido, morreu quando entrava de volta as suas terras, a Fazenda Jardim, hoje município de mesmo nome no Mato Grosso do Sul.

De uma família de desbravadores, é irmão de Joaquim Francisco Lopes, desbravador do centro-oeste brasileiro, Guia Lopes teve a esposa e os quatro filhos sequestrados pelos paraguaios durante a invasão daquelas terras pelo país vizinho. Quando as tropas lideradas pelo Coronel Camisão chegaram a sua fazenda, Guia Lopes, profundo conhecedor daquele território e sabedor das dificuldades que encontrariam, ofereceu-se para ser guia do batalhão. Era também uma oportunidade de resgatar sua família.

A atuação de Guia Lopes foi considerada decisiva, pois apesar do enorme número de baixas do exército brasileiro, sua ajuda evitou uma tragédia maior. Diante de inimigos que usavam táticas indígenas de guerra, Guia Lopes usava de seus conhecimentos para despistá-los. Cedeu ainda o gado de sua fazenda para alimentar os soldados, já bastante castigados pela fome.

Sofrendo os males da cólera, Guia Lopes morreu já no final da retirada, quando adentrava as terras de sua propriedade, em território seguro. A missão para a qual se dispusera auxiliar tinha se revelado um fracasso, mas morreu tendo cumprido um papel fundamental: o de trazer de volta a segurança os soldados sobreviventes.

Considerado um herói pelo exército, sua figura recebe destaque no monumento da retirada, sua estátua em bronze tem a mesma proporção das estátuas dos heróis graduados do exército, Coronel Carlos Camisão e Tenente Antônio João.

Sua figura é representada sentada, curvada, com a mão esquerda apoiando o queixo. Aparece estar pensativo e reflexivo. Na mão direita um pequeno chicote de montaria. Sob a cabeça um chapéu comum. Prudência e melancolia são sentimentos que podem ser associados à imagem.

Deonísio da Silva trata de forma secundária a memória do personagem em seu livro, seu nome é citado poucas vezes. O autor preferiu dar destaque para a figura de Carlos Camisão e até a outros personagens fictícios ou menos importantes para a conclusão do evento da retirada da laguna.

Nestas poucas vezes em que é citado o personagem de Guia Lopes corrobora as percepções da estátua em sua homenagem. Aparece sempre como o responsável pelas explicações sobre questões e hábitos locais. Sua presença é praticamente ignorada no decorrer da epopeia. Apenas com sua morte volta a receber uma menção, já ao final do livro.

Mesmo sabendo da importância do herói Guia Lopes, o autor prefere destacar a atuação de outros personagens, como o engenheiro e escritor Visconde de Taunay, a galopeira paraguaia Mercedes, o Padre Landell de Moura, o Cabo Argemiro e o Subcomandante Juvêncio, além, é claro, do protagonista Coronel Camisão e do narrador.

O não dito sobre o Guia Lopes na obra de Deonísio da Silva pode ter vários motivos, mas é certo que seu livro não se propõe a ser um reprodutor da história oficial. E como tal, ausências ou contradições são naturalmente aceitas *“não porque não haja mais o que narrar. Sempre há. Mas porque, como nas prosas à beira dos copos, pratos ou rostos, sobrevém uma hora em que é preciso calar-se”*. (p. 217).

Tenente Antônio João

Antônio João Ribeiro nasceu em Poconé em 24 de novembro de 1823 e faleceu em Antônio João em 29 de dezembro de 1964. Era comandante da Colônia Militar de Dourados, na então Província de Mato Grosso.

Em dezembro de 1964 liderou a resistência da colônia frente a invasão do exército paraguaio. Com um efetivo de 14 homens, soldados e colonos, resistiu bravamente ao contingente inimigo, em número muito maior, com aproximadamente 200 homens.

Após a evacuação dos civis o tenente liderou seu pequeno grupo de homens contra a investida paraguaia. Acabou morrendo em combate. Todos os demais morreram em combate ou no cativeiro do inimigo.

Sua bravura e honradez fizeram dele um herói para o exército, considerado exemplo de coragem e honra a pátria. A ele é atribuída uma célebre frase até hoje evocada como modelo de abnegação e amor à pátria: *“Sei que morro, mas meu sangue e o sangue de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria”*. (10º Regimento de Cavalaria Mecanizado Antônio João, 2014).

Este episódio não faz parte do episódio conhecido como Retirada da Laguna, mas devido o acontecimento ter se dado numa localização próxima dos eventos da retirada e também fazer parte dos conflitos da Guerra da Tríplice Aliança, sua memória foi homenageada num mesmo monumento.

A única menção direta a esse episódio no monumento é através da estátua de bronze dedicada ao Tenente Antônio João. Possui tamanho similar às estátuas dedicadas ao Coronel Camisão e ao Guia Lopes. Sua bravura e dedicação à pátria é exaltada. Com uniforme militar e mãos desarmadas, Antônio João é representado no momento em que é baleado. Seu corpo arqueado para trás e seus braços estendidos revelam esse momento. Honra e coragem são sentimentos que afloram da figura.

O livro de Deonísio da Silva não menciona especificamente o episódio ocorrido em Dourados. Sendo assim, o Tenente Antônio João não é um personagem de sua obra.

OS PAINÉIS

Transporte dos Coléricos

Talvez o fracasso da expedição brasileira tenha sido provocado menos pelos inimigos paraguaios e mais pelas moléstias e fome que acometeram a tropa. E a cólera com certeza foi o maior algoz dos soldados brasileiros.

Provocada por uma bactéria em forma de vírgula, o vibrião colérico, é transmitida através da água e alimentos contaminados. Dores, diarreia, vômito, hipotensão, taquicardia, anúria, câimbras e hipotermia são seus sintomas.

A tropa liderada por Carlos Camisão já acometida pela fome, pela varíola e pelo beribéri, se viu diante de uma epidemia de cólera. Doença já conhecida na época, mas pouco se sabia sobre sua transmissão e tratamento. Acreditava-se que era transmitida pelo ar, o que fazia com os soldados acendessem diariamente fogueiras para a purificação do ar. Sobre o tratamento pouco se sabe como se dava, mas é certo que a água era proibida aos enfermos.

Hoje sabemos que muitos dos sintomas da doença eram agravados pela falta de líquido no corpo dos doentes. Coincidência ou não a doença praticamente foi extinta entre a tropa quando essa chegou a fazendo do Guia Lopes e então os soldados puderam saciar sua sede e fome com as laranjas do seu rico pomar, comidas com casca e tudo. Ricas em potássio, proteínas e açúcar as laranjas forneceram os nutrientes que hoje são indicados na dieta dos portadores da moléstia.

A doença havia se espalhado rapidamente entre os soldados, com relatos de até cem contaminados em um único dia. A situação era tão grave que um episódio ficou

marcado na história da retirada: o abandono dos coléricos. Devido ao grande número de infectados e sua difícil locomoção, pois a maioria tinha que ser carregada pelos demais, foram abandonados num descampado a mercê do inimigo.

Sobre a cólera e seus terríveis sintomas Visconde de Taunay assina em conjunto com um dos médicos da tropa um impressionante relato em um documento oficial enviado ao comando do exército cuja cópia foi anexada a sua obra *A Retirada da Laguna* na sétima edição.

Havendo V. Sa exigido de mim uma parte sobre a epidemia e ferimentos havidos na expedição de Matto-Grosso, passo muito perfunctoriamente a expender o seguinte: Que no dia dez de Maio, na Bel/a Vista, foi-me trazido á consulta um Índio que sojfrica de diarrhéa abundante e que no dia seguinte falleceo. Este doente, por causa da longa marcha e dos muitos outros que tínhamos a tratar, falleceo, sem que tivessessem bem observado sua enfermidade. No dia I7, às II horas da noi-te, pouco mais ou menos, entraram mais dous enfermos para a Enfermaria, os quaes attrahiram a atenção pelos grandes gritos que davam em comequencia de caimbras e pela semelhança dos symptomas de ambos que eram: grande sêde, suppressão de urina, vomitos, evacuações alvinas abundantíssimas, resfriamento das extremidades; e no dia seguinte, os que morreram estavam desfigurados pela magreza do rosto, então julgamos que tínhamos em presença a horrenda epidemia de cholera-morbus, que no dia subsequente tornou-se evidente pela entrada de muitos atacados com os symptomas seguintes: vomitos, evacuações alvinas abundantes de uma matéria semelhante á agoa de arroz, grande sêde, dyspnéa, pulso pequeno frequente, suppressão de urinas, mudança extrema no metal da voz e mesmo aphonía, pelle fria, cyanose, magreza e desfiguramento rápido do rosto, etc ." (TAUNAY, 1927, p. 232/233).

Deonísio da Silva prefere a clareza do popular e cria um diálogo cru e vulgar entre o Visconde de Taunay e Coronel Camisão:

— Me disseram que o pior da doença é que ela mina a gente por dentro, francês. Que destrói os interiores, que o organismo sofre tamanha alteração que seu sangue e suas vísceras vão rapidamente se transformando em bosta. Logo, um pobre coitado está cagando o corpo e a alma. E pelo cu do próximo desce tudo, inclusive a esperança de viver. (p. 164).

Este marcante fato recebeu a devida importância no monumento dedicado aos heróis da retirada. Um de seus três painéis retrata a saga do transporte dos coléricos, realizada geralmente pelos soldados sadios. A empreitada não era nada fácil e esse árduo trabalho é representado no painel através da figura de soldados carregando em padiolas

os soldados doentes. Os soldados coléricos são figurados com expressão moribunda e os soldados que os carregam com expressão extenuada.

Apesar da imagem querer mostrar a dedicação da tropa para com seus pares doentes a história mostra que não foi exatamente assim. Quando o número de enfermos aumentou drasticamente e seu transporte se tornou extremamente desgastante e lento vários deles foram deixados para morrer, pela doença ou pelos soldados paraguaios.

Sabendo disso, Deonísio da Silva explora esse fato de maneira dura e áspera. Coronel Camisão selou de maneira trágica o destino dos soldados com a decisão de abandoná-los. Mais uma vez um diálogo entre Visconde de Taunay e Coronel Camisão revela a desgrama do ocorrido:

_ O senhor não quer nomear a maldita, não é meu comandante? Mas ela já chegou. “Tende piedade dos coléricos”, nossos soldados escreveram num cartaz quando abandonaram os doentes.

_ Foi safadeza dos paraguaios. Eles viram os coitados dos nossos, amontoados no bosque, leram o cartaz e atearam fogo em todos. Só um deles, fingindo-se de morto, conseguiu fugir para narrar a monstruosidade. (p. 162).

Os detalhes da morte dos soldados pela cólera e o abandono de vários deles à própria sorte não são representados no painel do monumento, como é de se esperar. É de conhecimento de que vários soldados esperavam honra e glória ao participar da guerra e esses detalhes foram silenciados. Talvez para que a memória deles não fosse contaminada ou prejudicada por qualquer fator que pudesse denotar algo ao contrário.

Mas Deonísio da Silva, como já foi dito aqui, não escreve com esse compromisso. O autor faz questão de expor cruamente os fatos que margeiam o ocorrido e coloca na boca do herói a mensagem não dita no painel. Num diálogo com o narrador, Camisão sentencia:

_ Escreva que 800 morreram de cólera. Escreva que abandonamos 122 coléricos num bosque que...

_ Em outro lugar, escrevi que foram 76 os coléricos abandonados.

_ Mas você sabe que foram mais. O que são números? Se apenas um soldado morresse abandonado pelos seus, já seria ignominioso. (p. 178/179).

Deonísio da Silva parece ignorar a memória oficial ou querer contradizê-la firmemente. Na verdade o autor sabe dos silêncios que cercam o esse incidente e faz

questão expô-los. Nem que para isso exponha também a memória dos envolvidos. Suas palavras, por vezes, são como a *“cólera que espuma e dor que mata”*. (p. 158).

Salvamento dos Canhões

O palco do episódio conhecido como Retirada da Laguna foi o estado de Mato Grosso do sul, então província de Mato Grosso. Seu relevo não é uns dos mais acidentados, contando com planaltos, planícies e chapadões, mas sua vegetação foi um complicador para a expedição brasileira.

O cerrado e o Pantanal formam a base da vegetação local. Com árvores retorcidas e mata fechada o cerrado dificultava a locomoção da tropa e dos armamentos. O Pantanal, com suas grandes áreas inundadas, também atrapalhava muito o deslocamento.

No painel do monumento essa dificuldade está representada através da figuração de soldados extenuados e seminus empurrando as carretas de bois que transportavam os canhões. O bronze dos antigos canhões utilizados nas batalhas foi aproveitado na fundição dos ícones do monumento.

As agruras da empreitada são sempre destacadas na obra de Deonísio. As características do terreno são fundamentais para a narrativa. O autor coloca o Pantanal como cenário, mas também como importante influenciador no decorrer do conflito.

Nem o inferno se pode comparar ao Pantanal que nos foi dado percorrer. O inimigo soube muito bem aperfeiçoar os castigos que a mãe-natureza impôs. O Pantanal está posto sobre formações vulcânicas. Em cima brilha um sol de rachar nossos quengos. Ao redor dos alagamentos, cresce a macega, com raros arbustos para pequenas sombras. O inimigo ateia fogo à macega. O que nos restou? O inferno não será pior. (p. 194).

No monumento, o salvamento dos canhões representa a dedicação dos soldados brasileiros na batalha frente às intempéries do terreno. No livro, é mais um dos episódios amargos que marcaram a retirada pelo Pantanal.

Marcha Forçada

A marcha forçada é mais um desses episódios que marcaram a passagem das tropas brasileiras pelo Pantanal. O clima, o relevo e a vegetação foram determinantes, mas juntos a eles também estavam a fome, as armadilhas dos inimigos, as doenças.

No painel do monumento a marcha é caracterizada por soldados resolutos marchando sob o comando de Carlos Camisão. Arqueados mas decididos, os soldados avançam com armas em mãos.

As circunstâncias da marcha são por inúmeras vezes descritas e indagadas no livro. Seus motivos, características, efemérides e rotinas são constantemente debatidos na narrativa ou nos diálogos dos personagens. *“O militar combatia também a si mesmo, enquanto cumpria ordens com as quais nem sempre concordava”*. (p. 136).

Foram 802 dias de marcha. [...] Ninguém mais precisa carregar feridos. Obedecer não é mais necessário. Dispensamos também os tormentos da fome e dos calores. [...] Começamos com 3.000 homens. Chegamos ao fim com 500. [...] Camisão poderia dizer: vim, vi, perdi. (p. 196/197).

O fracasso da investida brasileira resultou em grande número de mortes e forçou a tropa a bater em retirada. Rumo ao ponto de partida. Coube a Coronel Camisão conduzir seus subordinados de volta para casa, aquela casa que diante das circunstâncias se tornara a terra prometida.

AS ESCULTURAS

A Pátria

Uma grande escultura humana abraçada a uma bandeira representa a pátria no monumento à retirada. Essa escultura simboliza todo o esforço que se fez para a definição de um sentimento patriota, além de uma conexão entre o exército e o país.

Se por um lado a pátria brasileira era ainda fragilmente definida geograficamente, devido a sua grande extensão territorial, por outro, havia um grande esforço de coesão e sentimento de pertença entre os soldados envolvidos no evento.

Esse esforço de moldar um sentimento nacionalista continuou nas décadas seguintes, em especial nos anos de 1920 e 1930, quando grande número de monumentos militares foram erguidos e diversas comemorações oficiais foram criadas.

O meio utilizado pelo exército para concretizar essa conexão foi definido por Celso Castro como uma invenção, ou seja, uma construção seletiva da memória institucional e por consequência nacional, por meio desses monumentos e cerimônias. Ele explica: “o que ocorreu foi a *invenção* do Exército como uma instituição nacional, herdeira de uma tradição específica e com um papel a desempenhar na construção da Nação brasileira”. (CASTRO, 2002, p. 13 – grifo do autor).

Deonísio da Silva aborda essa questão procurando enfatizar a fragilidade da noção de Nação da época, principalmente entre os brasileiros da fronteira: “*Mas aqui o Brasil é Paraguai, o Paraguai é Brasil, tudo está misturado, quem não vê? Na estatura, na cor da pele, no tom amolecido da voz, todos se parecem. O que nos distingue são uniformes, rumos tomados e pequenas variações na linguagem*”. (p. 19).

Essa dificuldade de moldar um sentimento de pertença em relação ao país se traduz num diálogo do livro, dito por Coronel Camisão: “*Isso é o Brasil, que é muito imenso, Argemiro. É tão grande que, por mais que haja, estamos sempre muito longe uns dos outros*”. (p. 91).

Deonísio aborda cruamente a questão da necessidade de firmar um patriotismo entre as fileiras ao narrar um episódio onde o comandante-supremo do exército teria mandado fuzilar cem soldados brasileiros por terem fugido durante uma batalha.

Aprendam a confiar na pátria e defendê-la, chusma de miseráveis. Vocês são pagos por ela, passam o tempo todo nas casernas, comendo do bom e do melhor para defendê-la na hora da necessidade. Deveriam fazer isso por amor. Como amor vocês não têm, devem fazê-lo por medo. Se não conseguem amar a pátria, a própria pátria, a mãe de vocês, aprendam a ter medo dela. (p. 126).

Vale ressaltar que a Retirada da Laguna foi um episódio de fracasso para a guerra, mas sua memória é tratada de maneira gloriosa devido justamente ao esforço e dedicação daqueles que, para o exército, honraram a pátria até seus últimos dias. E é esse sentimento que o monumento da retirada quer preservar, mesmo diante das investidas do livro de Deonísio da Silva.

A Espada

História Cultural

Símbolo de bravura, poder, coragem, justiça, a espada é um símbolo bélico medieval. Sua figura representa a capacidade de transformação, para o bem ou para o mal.

Até mesmos nas escrituras da Bíblia Sagrada ela aparece como objeto de metafórico de grande poder transformador. Numa fala atribuída a Jesus temos: “Não julgueis que vim trazer a paz à terra. Vim trazer não a paz, mas a espada”. (*Bíblia Sagrada Ave-Maria*, MATEUS, 10.34.)

Antiga arma de batalha, a espada ainda hoje tem grande carga simbólica dentro das tradições militares. Ocupa lugar de destaque em diversas cerimônias de outorga de títulos, patentes e formaturas.

No monumento da retirada a espada é representada por uma escultura humana que a segura com o corpo arqueado, como que em reverência. Sua importância simbólica e bélica para na Retirada da Laguna é assim fortalecida.

Na obra de Deonísio da Silva a espada também é um grande instrumento transformador. É através dela que o inimigo lança o coração dos brasileiros. Mas é também com ela que nossos soldados degolam e mutilam os paraguaios.

Sua presença é sempre atrelada aos dos oficiais, dando assim uma importância estratégica ao objeto. Mas Deonísio, como já dito anteriormente, não assume a função de mero transmissor das tradições oficiais, pelo contrário, por vezes faz da espada não um instrumento de sagacidade e bravura, mas sim de ironia e chacota para com os soldados brasileiros, conforme fala de Coronel Camisão.

Não vou me referir o que ele disse no novo relatório. Impublicável. Confundi a lança dos cavaleiros paraguaios com órgãos sexuais descomunais, que, pela leitura que fiz, não pude saber se eram dos cavalos ou dos homens que os cavalgavam. [...] Não pude ler direito. Não havia tempo para mais nada. Veja Vossa Excelência com que recursos humanos eu contava. (p. 120/121).

Essa relação da espada como um símbolo fálico não é novidade na literatura, e inclusive a grande coluna de granito que sustenta a escultura no monumento da retirada também pode ser interpretada como tal, de acordo com a simbologia dos objetos. (GREGÓRIO, 2014).

Em *Avante, Soldados: Para Trás*, a espada mantém seu status de ícone de inteligência e virilidade, mas as vezes essa virilidade é representada de maneira um pouco jocosa e desalinhada.

A HISTÓRIA

A tentativa de contar história militar através de um monumento é um recurso que é muito utilizado pelas instituições. A grande presença de monumentos na cidade do Rio de Janeiro que contemplam temas militares é uma prova disso. Segundo levantamento feito pela prefeitura da cidade e publicado na página eletrônica do Jornal O Globo, 14,6% dos monumentos cariocas são em homenagem a uma figura ou data militar.

O monumento em homenagem aos heróis da retirada é um dos mais vistosos, devido sua localização e composição. E ele próprio faz referência a importância da história através de uma escultura humana representando a história. A escultura cabisbaixa compõe com os demais elementos um cenário que visa narrar a história oficial do evento.

Deonísio da Silva explora em seu livro a dualidade entre a lembrança e o esquecimento na história. Em sua narrativa o autor sempre procura enfatizar essa tensão, deixando claro que o que ele conta pode não ser a mesma história que se institucionalizou.

O narrador alerta, com a autoridade de quem participou diretamente dos acontecidos, que: *“A guerra grassava de forma esquisita por aquelas bandas. Somente nos relatos oficiais, as coisas ganhavam alguma coerência. Ali, nos calores do Pantanal, as verdades eram outras”*. (p. 206).

História e memória, lembrança e esquecimento, o dito e o não-dito são tensões percebidas pelo Exército em seu intuito de participar desse processo de criação histórica, pois segundo Tedesco, citando H. Gadamer: *“Há uma dimensão política e deliberada do lembrar e do esquecer. Por isso que dominar esse processo é interessante para o campo do poder; controlar o esquecimento e a lembrança é um importante trunfo de quem governa”*. (TEDESCO, 2013, p. 348).

Coronel Camisão é menos acadêmico, mas concorda: *“A sociedade aceita. Aceita tudo o que disserem para ela aceitar. Os que mandam é que não aceitam”*. (p. 176).

A GLÓRIA

Finalmente, no topo do monumento, temos a figura de uma mulher alada representando a Glória. Sua escultura em bronze parece ser uma tentativa de glorificar um evento que é considerado um fracasso no contexto da Guerra do Paraguai.

Por outro lado sua figura também está ali para honrar os soldados brasileiros que participaram das batalhas e que, em sua maioria, foram fiéis aos comandos de seus superiores.

Sua presença e destaque no monumento supõe que para o exército nem só a vitória dignifica, mas, supõem-se também, que houve alguma intencionalidade de reforço memorial.

A vitória do Brasil na Guerra do Paraguai contribuiu para que o evento da Retirada da Laguna fosse lembrado não como símbolo de derrota, mas como exemplo de dedicação e honra à pátria.

Deonísio da Silva sabe disso e sua narrativa pondera: *“Na guerra, como na vida, às vezes a gente perde e pensa que ganhou. Só depois é que vai se dar conta. O inverso também ocorre de vez em quando”*. (p. 64/65).

No contexto geral o Brasil saiu vencedor da guerra, mas não sem alguma dor. O monumento aos heróis da retirada glorifica seus combatentes, mas não esconde que mesmo curada a ferida, permanece a cicatriz. Ou como diria Coronel Camisão: *“etiam sanato vulnere, cicatrix manet.”* (p. 171).

CONCLUSÃO

O Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na Urca, é um dos mais suntuosos da cidade do Rio de Janeiro. Sua grande estrutura em granito, ornada com painéis e esculturas em bronze compõem um magnífico conjunto.

Além dos ícones aqui citados o monumento ainda conta com três pequenos painéis em bronze que representam a retirada do Tenente Oliveira Melo, o ataque ao Forte de Coimbra, o combate do Alegre e a retomada de Corumbá.

Ressaltamos ainda que sua estrutura interior não foi objeto de análise, pois sua visitação sempre foi restrita e portanto sua função como agente de memória fica limitada.

O autor Deonísio da Silva, em seu livro *Avante, Soldados, Para Trás*, parece brincar com a memória instituída e as vezes até mesmo subvertê-la, mas sua intenção não é a de denegri-la mas sim de oferecer mais um ponto de vista. O narrador logo deixa claro: *“De todo jeito, acho, de minha parte, que são sempre as línguas venenosas as que melhor descrevem o mundo, ainda mais quando se ocupam em narrar as astúcias dos homens e suas insólitas maneiras de viver”*. (p. 49).

O monumento conta a história para preservar a memória. O livro viaja pela história e refaz os caminhos da memória. É a história sendo lida pelo avesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2008.

ARRUDA, João Rodrigues. **O uso político das forças armadas**. E outras questões militares. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CHAVES, Flávio Loureiro. Prefácio. In: SILVA, Deonísio da. **Avante, soldados: para trás**. São Paulo: Siciliano, 1992.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Memória e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Coleção Museu, memória e cidadania. Rio de Janeiro: 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993, p. 07-28.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História militar do Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.

SILVA, Deonísio da. **Avante, soldados: para trás**. São Paulo: Siciliano, 1992.

TAUNAY, Visconde de. **A retirada da Laguna** – episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

PESQUISA NA INTERNET

10º Regimento de Cavalaria Mecanizado Antônio João. Em: <www.10rcmec.eb.mil.br>. Acesso em 15/07/2014.

Bíblia Sagrada Ave-Maria. Disponível em: <www.claret.com.br/biblia/47/SAO-MATEUS/10>. Acesso em 17/07/2014.

DIAS, Vera. As Histórias dos Monumentos do Rio de Janeiro. Em: <www.ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com.br>. Acesso em 13/07/2014.

Globo, O. Disponível em: <www.infograficos.oglobo.globo.com/rio/os-monumentos-dorio.html>. Acesso em 20/07/2014.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. Dicionário de Símbolos. Em: <www.sites.google.com/site/dicionariodesimbolos>. Acesso em 12/07/2014.



História Cultural